

# COLÓQUIO

## Letras



FUNDAÇÃO  
CALOUSTE GULBENKIAN

número 206 Janeiro/Abril 2021

## O HABITAR EM RUY BELO: POÉTICA DA ALEGRIA EM FUGA

O poeta português Ruy Belo, precocemente falecido em 1978, publicou em 1962 um livro com o surpreendente título *O Problema da Habitação — Alguns Aspectos*<sup>1</sup>. O *problema* que aí é questão não é social, mas existencial. A *habitação* de que aí fala é o espaço-tempo ontológico do sentir-se acolhido, ou seja, a alegria de poder viver. Porque se, por acaso, esta faltar, o mundo converte-se em mero lugar de trânsito e de gestão da tristeza, que o acompanha e se espraia até ao final esgotamento. Os *alguns aspectos* matizam esta abordagem, reduzindo o seu aparente absolutismo e permitindo ao autor ir ao que lhe interessa, na sua radicalidade, sem excluir o universo de possibilidades não desenvolvidas.

Na verdade, voltará ao tema e a algumas dessas possibilidades em 1977 com *Despeço-me da Terra da Alegria*. Entretanto, publica várias colectâneas, em que a ideia da terra habitada felizmente, porque sentida em poema, enche e atravessa um tempo de palavra(s): *Boca Bilingue* (1966), *Homem de Palavra[s]* (1969), *Transporte no Tempo* (1973), *País Possível* (1973), *A Margem da Alegria* (1974), *Toda a Terra* (1976). Gastão Cruz, numa breve evocação, resume bem a figura literária de Ruy Belo como uma «síntese poderosa, que congrega características aparentemente tão demarcadas e raramente conciliadas, como um discurso torrencial, por vezes próximo da prosa, [...] e uma extrema atenção ao pormenor do verso, nomeadamente ao nível fónico», ao mesmo tempo que realiza «uma permanente dissecação da vida e da realidade quotidianas, em contraponto com uma antevisão, ora angustiada ora irónica da morte» (Cruz, 2008: 212). Os dois temas — o quotidiano e o seu fim — constituem, enquanto tal, a matéria poética que, no seu transcurso e chegada temporais, se traduz no habitar, cuja procura, como afirma Paula Morão (2011: 474), se pode considerar disseminada por toda a obra de Ruy Belo.

O texto que nos interessa aqui mais especialmente é o de um longo poema, em dez fracções, ou andamentos sinfónicos. Começa com um verso, que será repetido estrategicamente, quase a ponto de terminar o ditado poético, podendo dizer-se que constitui, circularmente, o seu alfa e o seu ómega: «A morte é a verdade e a verdade é a morte» (137 e 164). O trânsito do princípio ao fim é o fio da vida breve, em que a existência se condensa na busca de habitar a terra, a terra própria, o próprio nas margens do que se mostra enquanto falta: as cidades sem Deus — o tempo que Hölderlin, tão próximo, caracterizou como o dos deuses ausentes. Esse tempo transcorre na angustura do efémero, que não dá descanso, mas apenas memória, anelo, saudade. E acaba jazente, como que à beira-mar, quando o sol declina no horizonte, para reaparecer, *talvez*, do outro lado.

O livro, nos seus dez momentos, deve ler-se como um todo, como uma única indagação, em que se manifesta a história de um coração frágil em busca do lugar para habitar. O próprio autor refere-se-lhe como sendo «todo ele um longo poema» (Belo, 1984: 21). Compreendemos, desde as primeiras linhas, que esse lugar, ao longo da vida, é, na verdade, o poema: a terra que se enche de palavras. As folhas das árvores, numa belíssima metáfora, logo ao início da caminhada poética, tornam-se folhas de papel, em que a palavra floresce: «Quasi Flos» — título do primeiro andamento do poema (137). Na folha de papel, a palavra é a casa «e uma casa é a coisa mais séria da vida». Anos mais tarde, noutra texto em que revisita o tema, e que leva por título «Oh as Casas as Casas as Casas», interroga-se: «Onde estarei aliás eu dos versos daqui a pouco? / Terei eu casa onde reter tudo isto / ou serei sempre somente esta instabilidade?» (Belo, 1997: 71). É nas palavras que mora o poeta, é lá onde tudo vem repousar.

Decerto, Ruy Belo conhecia a *Carta sobre o Humanismo* de Heidegger, publicada em francês num periódico de 1957, amplamente divulgado no meio cultural português<sup>2</sup>. A ideia de que «a linguagem é a casa do ser»<sup>3</sup>, que constitui a tese básica do filósofo alemão nessa peça tardia da sua obra, subjaz também na deambulação poética, que temos estado a acompanhar, quer na procura do morar em um lugar, quer em encontrar esse lugar na palavra, no poema. Mas a indagação do poeta português vai ainda mais além na proximidade a essa concepção do habitar poético, que Heidegger havia herdado de Hölderlin. Porque há uma tentativa de levar até ao começo da vida própria a necessidade do *sentir-se* acolhido em algum lugar, pelo que ao sentido ontológico da linguagem se une o seu carácter existencial, guardando a vinculação afectiva. Aquele sentimento de abrigo é, na verdade, traduzido como *alegria* — a «alegria inerente ao começo das coisas» (163). É vida o que se dá nessa alegria fugaz. Em sua ausência, na tristeza, o tempo transcorre para a morte, num rumo hesitante e doente, mas numa aproximação inexorável, pois «ao homem não foi dado nenhum outro dia / e a vida é qualquer coisa como nunca mais chegar» (164). Desde aquele início — na casa «recém-construída» (137) da alegria — até ao final, em que o sol declina no horizonte e já só o lugar jazente pode acolher o corpo cansado de tristeza, o «problema da habitação» resume a travessia, a inquieta busca de sentido no que, com Saint-Exupéry, podemos chamar a «terra dos homens»<sup>4</sup>, na qual a natureza se transmuta em palavras, mas em que os deuses, afinal, se retiram da cidade.

No princípio, era *a casa recém-construída*: «Tão contente de vento, ó folha que nomeio / como quem à passagem te colhesse, / palavra de que tu, ó árvore, dispões para vir até mim / do alto da tua inatingível condição. // [...] sais / do ângulo dos olhos, acolhes-te ao poema / como

no alto mês de maio a flor imóvel do jacarandá // Não há outro lugar para habitar / além dessa, talvez nem essa, época do ano / e uma casa é a coisa mais séria da vida» (137). A folha é a palavra que a árvore envia ao poeta, para que, recebida e detida no poema, se deixe habitar, se faça casa. Nessa dádiva, em que se percebe uma continuidade ou contiguidade entre o natural e o simbólico, em cujo seio surge o poema, a metáfora da árvore e da folha abre um plano de sentido, que só se desvelará, circularmente, no momento final. Uma passagem do autor, extraída de um texto ensaístico breve, permite-nos antecipar a riqueza semântica da evocação:

Quando o poeta, no seio de um poema, profere a palavra *árvore*, o que faz não é utilizar um conceito a que houvesse sacrificado todas as opulentas árvores de pássaros que diariamente encontra no seu caminho. Em vez de se sujeitar à abstracção que o conhecimento pelos meios lógicos impõe, é como se utilizasse uma verdadeira árvore, com os seus pássaros, as suas folhas, a sua sombra, a sua tristeza ou alegria. Apenas se limita a dar a essa árvore uma nova vizinhança: ou Deus, ou a infância, ou — que sei eu? — talvez o pressentimento da morte. Como é que ele conseguirá criar assim uma árvore tão viva? Pegando na palavra em si, rompendo talvez as suas relações habituais com outras palavras, dando-lhe outras novas, que, através do choque, da surpresa, do inaudito, a cerquem e a iluminem de determinada maneira e a rodeiem de silêncio. (Belo, 1984: 74)

Para lá da autoconsciência crítica da tarefa criativa do poeta, importa registar o investimento ontológico da palavra, a qual se manifesta como suporte não da realidade ou objectividade, coagulada em conceito, mas como um *nomear* da coisa ela mesma, com tudo o que a constitui na relação com a existência humana<sup>5</sup>. O *arbóreo* da árvore de nada interessa à experiência do que uma árvore é. O «arbóreo» não tem pássaros, nem sentimento, nem Deus ronda à sua volta, nem tem memória de infância. Mas, no poema, com o dizer da palavra, faz-se sítio à conjuntura de vida, pela qual as coisas ocupam o seu lugar na morada humana e, nesta, se pressente também o seu carácter provisório.

O Heidegger tardio, inspirado por Hölderlin, nomeou esse todo quadripartido como *Geviert*: o entrecruzar-se do terreno e do celestial, dos mortais e do divino, na fundação do sítio para ser<sup>6</sup>. Seria uma inútil ousadia pensar que Ruy Belo conhecia esses textos heideggerianos. Mas, decerto, não precisava de os conhecer para seguir o seu caminho poético. Este prossegue, no poema que nos ocupa, com o passo que se segue ao da alegria de encontrar o seu sítio.

Só depois, na verdade, se edifica «a cidade». Ela constrói-se pouco a pouco: «dos gestos emerge [...] / e é confiada à noite pelo

dia / [...] para poder então ser transmitida ao sol mais próximo do dia / [...] lá onde a vida multiplica a paisagem / e a natureza aceita muda humanos movimentos» (138). O mais longo dos andamentos do poema, o segundo, leva por título «Rua do Sol a Sant'Ana» e narra esse des-envolver-se do «tempo das grandes descobertas», que é «a cidade em construção», onde «[n]ascemos e morremos e é sempre o mesmo sol lá fora» e onde «[i]númeras possibilidades há nesta ou em qualquer manhã» (139). Mas se a natureza aceita que essa cidade da infância se construa, nos risos e nas vozes e nos rostos, também nela «as farmácias começam a fazer negócio / e crescem muitas vezes nalgum pátio assustadoras vozes» (141). A doença, ameaça de morte, confunde-se nestes versos com o anelo religioso, com uma «provisória morte», mas em que a esperança «que o tempo para sempre haja mudado» fecha ainda «uma tarde e uma manhã primeiro último dia» (141). É como uma primeira morte, adiada mas vivida, pela primeira vez. Na incerta leitura dessa longa meditação, tortuosa e torturada, que faz pensar na precocidade da doença do poeta, na experiência profunda e alargada da sua finitude, esta travessia, em que evoca Paulo de Tarso e a passagem pela fé, conduz à dúvida. Esta aparece no que constitui o seu primeiro *talvez*, que inundará, depois, o terceiro momento: «talvez vos não receba o coração / de uma grande cidade em construção». A crise religiosa — «Não é tão agradável ser católico» (139) — não anula, porém, a ligação ao Deus ausente, «senhor indescritível da palavra capaz de destruir / arrancar arruinar e assolar / e levantar e plantar e edificar» (145).

Esse *talvez* cresce, porém, em intensidade na esperança: «Talvez ainda agora haja crianças» (142); «Talvez na minha tarde tudo caiba ainda»; «Talvez eu espere o mês possível»; «Talvez além dos montes haja a única cidade» (143); «Talvez nos reste uma janela sobre a madrugada»; «Talvez eu reconquiste ainda a minha tão perdida aldeia»... Nessa *imaginatio locorum* (142) de alegria, também cresce, contudo, a vacilação, o desengano: «É talvez esse o dia em que recolho os olhos / e molho de maresia a mais vazia dor da minha ausência. / Como encontrar-me?» (144). Patmos, a cidadela «setenta vezes vista blasfemada e admirada / sempre deserta e sempre povoada / aonde vale a pena o pôr do sol» (144), é também, afinal, aonde «a palavra é mais que nunca provisória», deixando em suspenso o habitar verdadeiro. Essa provisoriedade deixa, decerto, portas abertas: «talvez [a] habite ainda / a esperança de que os deuses encham tudo» e «[t]alvez seja de Deus o nosso tempo» (144). Mas esse *talvez* desemboca em ruína: «E a alegria é uma casa demolida».

A perda da esperança não anula o tempo, a espera, mas a casa do começo já não é a do começo, e a alegria que a instituía desmorona-se. O mundo sem Deus não abriga, fere, pesa, nada deixa começar ou

acabar: «Outrora vinha Deus e nós dizíamos: / ouve-se o mar / Ou: há na vida ou no quintal a nosso lado / crianças a brincar / Agora nenhum gesto nesse alguém começa ou morre» (146). Nessa confiança, agora perdida, a terra e a vida estavam garantidas, a natureza e os humanos guardavam o vínculo indelével, em que repousava o dia-a-dia. Agora, pelo contrário, tudo o que acontece põe em questão o poeta, abala a sua frágil presença terrena: «há fogo alguém morreu / mas sempre em todos mais que todos o morto sou eu / Há em mim um castelo a derruir / alguma operação de coração a promover» (149). Mas na descoberta da poesia, o mundo ergue-se outra vez e recompõe-se. «E começo a cantar / como quem do poema se esqueceu / e sente viva em si a natureza que só em si viveu / A poesia é uma loucura de palavras / espectáculo de folhas o poema [...] // O Deus imóvel só por nossa boca fala / através de palavras que como a água correm / canta coração justificado / canta mais um bocado» (150).

Esta experiência adquire a consistência de uma refundação da «casa» pela palavra, pelo poema, que canta na língua dos humanos o que procede do solo áfono originário. A recuperação do espaço-tempo da ligação, pela boca do poeta, vem aqui, do mesmo modo que em Hölderlin<sup>7</sup>, a ser figurada como «amizade»: o sentir do vínculo vivo, e o cultivo dos gestos que trazem o Amigo «à nossa forma de hoje aceitar ou recusar a vida», pois «[u]m verdadeiro amigo repovoa uma cidade / um templo o coração o último jardim» (150). A casa é, pois, o lugar de acolhimento do Amigo, o lugar do regresso «da certeza de seres outra pessoa que não eu» (151), a possível repovoação do deserto, mas também, por isso, a reconstrução do último horto, em que se pode repousar, dando ao Amigo uma dimensão além do humano. A esse horto chama-lhe um «pátio de sombra», onde está a «primavera levemente reclinada / as vozes e as luzes e as ondas / e os ralos e as rãs e um paul / um cheiro a malva ou malmequer à tua espera». Finalmente, a travessia entrevê o tempo próprio, o espaço para o autêntico habitar, com a serenidade de quem apenas espera. «Que calma nessa alma ouvir cair a hora / que como outrora nela tem lugar / Arrastas para casa o sol atrás de ti / e entre as tuas coisas está Deus, / ó cidadão de longe e de ninguém» (151).

Mas também é efêmero o mundo reconstruído pela poesia. No equador do poema, no seu quinto andamento, a certeza da morte volta a pairar sobre quem se havia erguido: «nem nos seria lícito pousar / na palavra inventada a cabeça cansada» (153). E «[a]lgum país ruiu algum país / ou folha ou casa ou alegria», «agora é impossível regressar» (154), «[n]ão há tempo ou lugar onde habitar», «[n]ão há mais folha ou casa ou alegria onde habitar». O que resta, então, é a tristeza, de que fala o oitavo andamento do poema, «A Mão no Arado»: «Feliz

aquele que administra sabiamente / a tristeza e aprende a reparti-la pelos dias / Podem passar os meses e os anos nunca lhe faltará» (159). Mas essa atmosfera já não é habitável. Fora da poesia, o mundo desfaz-se, perde-se a ligação à terra, ao deus reencontrado na palavra e pela palavra poética. «É muito triste andar por entre Deus ausente // Mas, ó poeta, administra a tristeza sabiamente» (160). E então só na verdade a morte — «O Último Inimigo»? (IX, 161) — é certa, como «um vizinho que se ama». Na sua inequívoca proximidade, o Deus ausente reaparece como resposta a uma chamada em que a tristeza, por fim, se esgota. «Volto-me para a morte e chamo como só Deus se chama» (162). Reinventada, a «morte é a verdade e a verdade é a morte» (164).

A esperança de um repousar em casa transfere-se, pois, para o lugar definitivo, onde o rosto, coberto de todo o cansaço, jaz «em condição horizontal», na proximidade de Deus, «tão acessível como o mar nas praias», mas também tão verticalmente perto «como uma árvore». Assim acaba o poema, nos versos de «Figura Jacente». A árvore do primeiro momento — «os álamos nocturnos e antigos» (137) — que «do alto da [s]ua inatingível condição» dispusera que a folha, «contente de vento», viesse até ao poeta, levanta-se agora, vertical, à beira da «morte mais rasa» (165). Na morte, então, cumpre-se por fim o habitar mais autêntico: como o desenho de um leito, no ponto de encontro das linhas de horizonte e zenital, que tudo unem em espaço aberto. O problema da habitação dissolve-se, pois, na plenitude do ser mortal em que a alegria, enfim, se aquieta.

No final desta travessia, que fizemos nas palavras de Ruy Belo, a existência humana expôs-se na procura incessante de uma morada, de um espaço-tempo de alegria, onde repousar, à beira do divino sempre em fuga. Mas esse espaço-tempo revelou-se não ser outro senão o que só se habita poeticamente: no *fiat* que a palavra transporta em si. Pois, embora cheio de mérito, é poeticamente que o homem reside nesta terra.

Irene Borges-Duarte

#### NOTAS

[A Autora segue a antiga ortografia.]

- <sup>1</sup> As citações serão indicadas apenas pelo número de página da edição de 2004.
- <sup>2</sup> Publicada pela primeira vez em 1957, na revista *Cahiers du Sud*, a *Lettre sur l'Humanisme*, em tradução de André Préau, será posteriormente revista e editada em livro, em versão bilingue, na Aubier-Montaigne, em 1964.
- <sup>3</sup> Heidegger, 1976: 313: «Die Sprache ist das Haus des Seins. In ihrer Behausung wohnt der Mensch».
- <sup>4</sup> A expressão era cara a Ruy Belo, que conhecia bem tanto *Terre des hommes* (1939), como a obra de Antoine de Saint-Exupéry no seu todo, de que traduziu *Pilote de*

- guerre* (1942), em 1959, e *Un sens à la vie* (1956), em 1966, além de *Citadelle* (1948). No prefácio à tradução desta última obra diz dela que «é e haveria de ser sempre um grande poema», e define-a como «um grande empreendimento de linguagem» e «uma das obras-primas do nosso tempo» (Belo, 1984: 360, 363 e 364).
- <sup>5</sup> Esta proximidade da poesia de Ruy Belo à fenomenologia foi já detectada em dois interessantes trabalhos de mestrado sobre a questão do habitar poético no poema que nos ocupa. Veja-se Palmeiro, 2016; Santos, 2008. Embora pautados pelo contexto de investigação dos estudos literários, com particular ênfase dada às questões de estilo e de correntes literárias, ambos os trabalhos procuram apoio em Heidegger e em Hölderlin, sublinhando o fundo ontológico e fenomenológico da exploração poética da experiência do tempo, da finitude, da vida e da morte, no mundo sem Deus.
- <sup>6</sup> Veja-se Heidegger, 2000: 179-181 (em «Das Ding») e 194-201 (em «Dichterisch wohnet der Mensch»).
- <sup>7</sup> Podemos encontrar um importante paralelismo deste verso com uma passagem de «In lieblicher Bläue» (Hölderlin, 1953: 372-373): «So lange die *Freundlichkeit* noch am Herzen, die Reine, dauert, misset *nicht unglücklich* der Mensch sich mit der Gottheit». Aqui, o poeta alemão introduz a Amizade como Pureza de coração (destaque meu) para mostrar que não é impossível que o homem não se sinta infeliz ao comparar-se aos deuses, «que têm, como os ricos, de uma vez só virtude e alegria». Heidegger, no seu texto «Dichterisch wohnet der Mensch», interpreta esta «amizade» como a versão hölderliniana do que Sófocles em *Aiax* chamara *cháris* e ele próprio traduz como *Huld*: a gratuidade da graça, que propicia o morar e demorar-se do humano na sua essência. Veja-se Heidegger, 2000: 207-208; Borges-Duarte, 2017: 81-88. É notável a sintonia de Ruy Belo com esta proximidade de amizade e alegria com o morar na vizinhança de Deus, mesmo se este quase sempre se retira.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELO, Ruy, *Obra Poética*, vol. 2, org. e posf. Joaquim Manuel Magalhães, Lisboa, Editorial Presença, 1981.
- , *Obra Poética*, vol. 3, org. e notas de Joaquim Manuel Magalhães e Maria Jorge Vilar de Figueiredo, Lisboa, Editorial Presença, 1984.
- , *Homem de Palavra[s]* [1969], Lisboa, Editorial Presença, 1997.
- , *Todos os Poemas*, vol. I, Lisboa, Assírio & Alvim, 2004, p. 131-165.
- BORGES-DUARTE, Irene, «Mesura e Desmesura em Heidegger. O Ponto de Vista Ético», *Studia Heideggeriana*, Buenos Aires, vol. VI, 2017, p. 65-102.
- CRUZ, Gastão, «Ruy Belo e a Preparação da Morte», *A Vida da Poesia. Textos Críticos Reunidos*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2008, p. 212-214.
- HEIDEGGER, Martin, *Wegmarken*, Frankfurt, Klostermann, 1976.
- , *Vorträge und Aufsätze*, Frankfurt, Klostermann, 2000.
- HÖLDERLIN, Friedrich, *Sämtliche Werke*, vol. 2, ed. Friedrich Beißner, Estugarda, Cotta, 1953.
- MORÃO, Paula, «Ruy Belo — 'Não há tempo ou lugar para habitar.' Questões de Poética», *O Secreto e o Real. Ensaios sobre Literatura Portuguesa*, Lisboa, Campo da Comunicação, 2011, p. 457-474.